

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Daniel Menezes Monteiro Vilela

NIETZSCHE: FILOSOFIA PARA A VIDA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Luciano Donizetti da Silva.

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **DANIEL MENEZES MONTEIRO VILELA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201772500A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **NIETZSCHE: FILOSOFIA PARA A VIDA**, desenvolvido durante o período de 01/08/2018 a 28/11/2018 sob a orientação de LUCIANO DONIZETTI DA SILVA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais. Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de fora, _____ de _____ de _____

DANIEL MENEZES MONTEIRO VILELA

NIETZSCHE: FILOSOFIA PARA A VIDA

Daniel Menezes Monteiro Vilela¹

RESUMO

Nesse artigo tento apresentar uma reflexão acerca de alguns conceitos principais de Nietzsche que dizem respeito aos mais variados temas mas principalmente sobre livre-arbítrio, determinismo e sua tese do eterno retorno, que são fundamentais para entender as obras do autor, assim como elucidar um pouco como que estas noções se encaixam no campo da ética através de uma análise de como ele enxerga alguns fenômenos sociais, culturais e filosóficos, como a religião, política e verdade, de maneira a entrelaçar sua tese principal com algumas ideias que ele expõe sobre os temas supracitados, como o ressentimento do homem cristão, o homem do futuro (“superhomem”), sua tese da vontade de potência, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche, ética, verdade, liberdade, livre-arbítrio

1. INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche nasceu em 1844 em uma vila pacata na Alemanha. Ele era um ótimo aluno e excepcionalmente bom em línguas (especialmente grego) que se tornou professor da Universidade de Basileia aos 24 anos de idade mesmo antes de ter um doutorado. Mas sua carreira de professor não durou muito e Nietzsche se mudou para o campo para trabalhar em seus livros. Nietzsche publicou seu primeiro livro em 1872 e deste então escreveu diversas obras sobre filosofia, cultura, religião e ética.. Os livros não publicados de Nietzsche causaram muita polêmica porque incluem idéias provisórias e especulativas, às vezes em conflito com algumas de suas obras que foram publicadas. Nietzsche não editou ou organizou ele mesmo tais livros não publicados. Algumas de suas obras dos anos de 1880 foram editadas, organizadas e intituladas por sua irmã antisemita. Nietzsche sofria de um sério problema de visão que começou em sua infância. Na segunda metade de sua vida sofreu com uma doença psiquiátrica juntamente com depressão. Durante seus últimos anos, um declínio cognitivo progressivo evoluiu por conta de sua sífilis que resultou em uma profunda demência causada por um acidente vascular cerebral. Ele morreu de pneumonia no ano de 1900.

Nietzsche trabalhou com diversos temas que tiveram uma enorme influência na cultura ocidental nos séculos XX e XXI. O existencialismo, o pós-modernismo e o pós-estruturalismo são alguns exemplos dos tópicos que foram tocados pelo autor em algumas de suas obras. Ele questiona muitos filósofos que vieram antes dele (como, por exemplo, contrapondo a existência socrática com sua teoria da existência trágica, e também criticando a moral), questiona a religião e a moralidade moderna e muito do que ele escreveu em suas obras retrata uma reflexão profunda da condição humana (no que diz respeito a noção de verdade, moral, poder, consciência, história, cultura, etc) e considerável erudição.

A influência de Nietzsche foi profunda e duradoura. Suas obras primeiramente influenciaram alguns artistas e escritores, mas continuou a afetar muitas outras áreas das ciências humanas e eventos históricos que ajudaram a moldar a história do continente europeu e do mundo, da psicanálise de Freud e do historicismo radical de Heidegger, aos fascistas italianos e aos pós-modernistas do final do século XX.

Nietzsche foi ignorado como filósofo por um tempo, porque escreveu seus livros em forma de breves aforismos e alegorias. Ele disse que *é preciso filosofar com um martelo* e com isso ele quis dizer que é necessário desconstruir alguns conceitos “quem quiser ser um criador no bem e no mal, deve primeiro ser um aniquilador e quebrar valores” (NIETZSCHE, 1889, p. 2). Ele derrubou a abordagem dogmática racionalista com explicações lógicas e também fez algumas críticas a alguns filósofos que faziam reivindicações de conhecimento absoluto em _____

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: mrmennnz@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Luciano Donizetti da Silva.

geral. Ele também pode ser visto como sendo um psicólogo “precoce”, tendo transformado a filosofia em um exame do comportamento humano. Todas essas questões que Nietzsche trabalhou ajudaram a preparar o caminho para filósofos como Heidegger, Foucault, Deleuze, dentre outros, começarem a fazer diferentes tipos de perguntas de maneiras diferentes.

Ele fez fortes críticas a filósofos sistematizadores em suas obras – como por exemplo, Hegel e Kant – e trouxe à tona argumentos persuasivos contra o dualismo, tão como argumentos persuasivos contra o teísmo em sua tese da vontade de poder. Ele desenvolve conceitos que podem ser entendidos como uma crítica da própria verdade, como ele desenvolve em seu livro *A Gaia Ciência*.

O impacto de suas obras não se estende apenas a Filosofia no sentido acadêmico, mas também na maneira com que os ocidentais encaram a vida. O amor pela luta, a busca pela autonomia e a grandeza pessoal e o fazer da sua vida uma “obra de arte”, essas foram tendências culturais as quais Nietzsche ajudou a pôr em movimento. Assim, para conseguirmos entender melhor a vida moderna em toda sua maravilha e decadência, é interessante entender um pouco sobre Nietzsche.

2. PRINCIPAIS IDEIAS

Para Nietzsche, o papel de sua filosofia, diferentemente da filosofia a qual ele critica, não era meramente *criticar palavras por meio de outras palavras* – ou seja, o papel da filosofia não deve ser meramente um trabalho puramente teórico, reflexivo, que não sai do mundo das ideias para se estender a realidade empírica da vida real – mas sim promover uma mudança prática na vida das pessoas, isto seria, facilitar a emergência de um certo tipo de indivíduo que o autor entendia como sendo o “super homem” (Übermensch, em alemão), uma certa espécie de ser humano que dedicaria sua vida a crescer e à própria “superação”. Nietzsche acreditava que tal dedicação faria com que dito indivíduo “afirmasse a vida” e prevaleceria mediante os conflitos, dificuldades e tragédias da vida, como ele postula em sua obra *Além do Bem e do Mal*: “[...] o essencial é que vê as coisas de baixo, enquanto que a filosofia esotérica vê de cima. No cimo de certos cumes mesmo a própria tragédia deixa de parecer trágica.” (NIETZSCHE, 1886, p. 42). Nietzsche se enxergava como o educador de tais indivíduos e sendo assim ele não escrevia para as massas (isto é, ele imaginou que suas obras não seriam compreendidas pelo o “rebanho”, por indivíduos que são cheios de suas “certezas”, então seus escritos não eram direcionados para tais pessoas) mas sim para o superhomem (que é um contraste com as características do homem cristão que, ao contrário deste, criam sentido para a vida terrena e não se apoiam em crenças de um mundo perfeito e justo para além deste), apenas, que ele acreditava não existir e ainda estar por vir. “Pois bem, só esses são os meus leitores, os meus autênticos leitores, os meus predestinados leitores: que importa o resto? O resto é simplesmente a Humanidade. Há que ser superior à humanidade em força, em grandeza de alma – e em desprezo...” (NIETZSCHE, 1895, p. 2).

Ele dissertou bastante em torno de um conceito o qual ele chamava de “auto-superação”, o qual ele desenvolveu especificamente em seus livros intitulados *Além do Bem e do Mal*, *A Gaia Ciência*, *Crepúsculo dos Ídolos* e *Assim Falava Zaratustra*. O significado do “superhomem”, é que a humanidade é algo que deve ser superado. Como disse o autor em sua obra *Assim Falava Zaratustra*: “O homem precisa ser superado. Por isso necessitas amar as tuas virtudes, porque por elas morrerá” (NIETZSCHE, 1891, p. 27).

“Superação” evoca a ideia de luta e entender essa ideia é certamente crucial para entender o restante das ideias do autor. Nietzsche enxergava o ser humano como sendo um infante no que diz respeito ao seu desenvolvimento intelectual e sua capacidade de se auto-conhecer; ele observava que o teísmo servia como um cobertor para proteger o ser humano de sua fraqueza e impotência perante os mais fortes e melhores; como se fossemos escravos mergulhados em um mar de ressentimento e isso, para ele, é essencialmente negar a vida e nossa “vontade de poder”. Sendo assim, Nietzsche postula que: “pelo ressentimento de um cristianismo débil e falsado, tudo quanto era belo, forte, soberbo, poderoso — como as virtudes provenientes da força — tenha sido prescrito e banido e que por isso hajam diminuído muito as forças que promovem e levantam a vida” (NIETZSCHE, 1891, p. 265).

“Vontade de poder” é um conceito muitas vezes controverso no pensamento nietzscheano... ele escreve sobre isso, inicialmente, como sendo um impulso que move as ações humanas e depois expande essa ideia para explicar a vida e o universo em geral. Uma das possíveis interpretações é que o autor via toda a matéria do universo como sendo constituída essencialmente de poder e todas as manifestações exteriores deste poder seriam causadas por essa “vontade de poder”. Nietzsche foi contra a noção de sua época que a matéria seria meramente aquilo que nós podíamos observar, isto é, as relações que as partículas tinham umas com as outras mas acreditava também que a matéria era dotada de uma força subjetiva, algo que a fazia se comportar de tal maneira, a força intrínseca que a fazia se mover e essa força ele chamou de vontade de poder e é por conta dessa visão do autor que sua ideia pode ser considerada metafísica (crítica inclusive feita por Heidegger em suas preleções na Universidade de Freiburg entre os anos 1936 e 1939). Nietzsche acreditava que não só os seres humanos e demais animais possuíam tal vontade de poder mas plantas, bactérias e todo o restante. O universo em si se movia em torno dessa vontade de crescer.

Todo processo mecânico, na medida em que é alimentado por uma força eficiente, revela precisamente uma “vontade-força”. Suponho, finalmente, que se chegasse a explicar toda nossa vida instintiva como o desenvolvimento da vontade — da vontade de poder, é minha tese — teria adquirido o desejo de chamar a toda energia, seja qual for, vontade de poder. (NIETZSCHE, 1886, p. 49)

Nietzsche não enxergava a manifestação dessa força intrínseca que tudo move no ser humano com um olhar de desaprovação mas sim evolução, pois buscar o melhor, o forte, o belo e todas as virtudes que o cristianismo nega é passivo de críticas de uma sociedade doente que nega a vida. Ele explica que fenômenos como empatia, lealdade, etc, também tem suas utilidades no que diz respeito a vontade de poder. Ele observa que o ser humano, sendo parte de um grupo e este grupo sendo mais forte que o indivíduo, também torna os indivíduos desse grupo mais fortes, na medida em que o próprio poder individual cresce quando alguém se une a um grupo e sendo assim você ter empatia com sua família, você ser leal a seus amigos e todas as demais ações que são benéficas para o grupo e, conseqüentemente, benéfica para os indivíduos que constituem esse grupo, podem ser explicadas de acordo com a vontade de poder pois o melhoramento do conjunto, o aumento do poder do grupo também significa o melhoramento e aumento de poder do indivíduo em questão, o que o impulsiona a agir e reagir de determinadas maneiras pois o enfraquecimento do seu grupo também representa um enfraquecimento do próprio indivíduo, assim como o fortalecimento do mesmo vai inevitavelmente fortalecer também o indivíduo, que é guiado por essa Vontade de Poder e vai se comportar em consonância com o crescimento ou enfraquecimento de seu próprio poder que em parte se sustenta nas condições do grupo o qual está inserido, que se altera de acordo com, por exemplo, a saúde e a força de seus membros ou, em um nível mais amplo, com a economia e política de sua sociedade. Nietzsche acreditava na evolução mas rejeitava a visão de Darwin. Para ele, a visão de Darwin que os seres vivos meramente se adaptavam ao invés de buscar ativamente dominar o seu meio (e, logo, empoderar sua espécie) era algo que ia contra sua ideia de Vontade de Poder. Ele, como um evolucionista, acreditava que o organismo humano é composto por uma multiplicidade de vontades de poder e não apenas uma, e sendo assim a consciência surgiu apenas como um meio de facilitar a administração dessas vontades de poder.

Ainda que admitíssemos que fora do nosso mundo de desejos e paixões não nos é dado nada "real", que não podemos alcançar "realidade" mais alta ou mais profunda que a de nossos instintos — pois o pensamento não expressa mais que a relação destes instintos, não seria razoável perguntar: Este mundo dado, não bastaria para compreender a partir daquilo que nos é semelhante, o mundo que se chama mecanicista ou material? (NIETZSCHE, 1886, p. 48)

Um dos argumentos utilizados pelo autor é que se o ser humano fosse um animal essencialmente consciente, este estaria consciente de tudo e a todo tempo, enquanto que na prática nós observamos que isso não é verdade; nós não sabemos o que ocorre dentro de nosso próprio corpo a todo instante, a maior parte das funções corporais que nós exercemos diariamente são realizadas de maneira automática (ou seja, inconsciente – uma ação que é sustentada pela vontade de poder) e existem muitas ocasiões as quais nós agimos por impulso ao invés de agirmos de maneira pensada. Para ele, isso demonstra que a consciência teria uma função

secundária em nosso corpo, pois, visto que todos os processos mecânicos são alimentados pelo o que ele chama de “força eficiente”, podemos entender que a consciência surgiu como uma forma de ordenar esse aglomerado de força que nós chamamos de “vida”, logo, a consciência não seria algo *a priori* mas sim *a posteriori*.

Nietzsche era um crítico fervoroso do cristianismo. A moral cristã, como ele postula, emergiu de homens fracos que não tinham coragem de ir atrás do que verdadeiramente desejavam e então se apoiaram em uma filosofia que fez de suas covardias uma virtude, formando assim uma doutrina hipócrita a qual repudia aquilo que eles queriam ter mas que eram incapazes de conquistar e exalta tudo aquilo o que eles não queriam ter mas, sendo homens fracos, era tudo o que tinham. O cristianismo se tornou uma doutrina de negação, onde se nega a vida, o aqui e agora e deposita a esperança de solucionar todo nosso ressentimento em um plano metafísico (o “reino dos céus”); uma doutrina onde a submissão dos fracos perante os fortes era visto como uma qualidade (“obediência”) e toda a opressão por parte de pessoas em posição de poder para com os fracos era “perdoada” pelos cristãos de uma posição inferior, ou seja, a submissão dos pobres perante aos ricos, do mais fraco perante ao mais forte, do menos inteligente perante o mais inteligente, eram vistos não como um sinal de fraqueza mas como um sinal de virtude, de algo bom. Mas para Nietzsche isso se dava porque os cristãos, incapazes de se impor aos seus dominadores, negam suas vontades de poder e abraçaram suas fraquezas em nome de um código moral que só servia para negar a vida. É com base nisso que sua crítica se sustenta: o cristianismo valoriza o fraco e medíocre ao invés do forte e glorioso e isso prejudica o crescimento da humanidade como um todo pois causa uma inversão de valores, pois vai contra a natureza do próprio ser humano que é a vontade de poder.

A fé cristã é, desde seus primórdios, sacrifício, sacrifício de toda liberdade, de toda independência do espírito; ao mesmo tempo, escravização e escárnio de si mesmo, mutilação de si. Deseja-se a crueldade religiosa para impor essa fé a uma consciência enfraquecida, complicada e viciada, fé que parte do pressuposto que uma sujeição do espírito provoca uma dor indescritível, que todo o passado e todos os hábitos do espírito se rebelam contra o “absurdissimum” que representa para ele uma tal fé. (NIETZSCHE, 1886, p. 58)

Isso Nietzsche chamou de “moral dos escravos”, a qual negava tudo aquilo que o ser humano deveria buscar: posições de poder, sexo, glória, etc. Ele queria que nós superássemos essa fraqueza humana e passássemos a “afirmar a vida”. O objetivo de suas obras era nos ensinar a “nos tornarmos aquilo que somos”, isto é, aceitar nossos desejos e impulsos que são negados pela moral cristã por serem considerados destrutivos e negativos mas para Nietzsche era de suma importância que nós aceitássemos essas características supostamente negativas em nós (principalmente a inveja), como ele diz em Assim Falava Zaratustra: “a inveja, a desconfiança e a calúnia são necessárias entre as tuas virtudes” (NIETZSCHE, 1891, p. 27) como um meio de afirmar a vida, a modo de nos tornarmos melhores e atingirmos o ápice da nossa existência através desses desejos que ele via como impulsos de nossa vontade de poder, negá-los seria justamente negar a nós mesmos. Superar-se é estar livre das normas do senso comum, estar ligado a um código ético mais honesto, e aceitar as coisas boas e ruins que nos acontecem com alegria, é aceitar a inveja de alguém em uma posição melhor como um sinal da potência de evolução dentro de nós.

Mas o que Nietzsche chamava de “moral dos escravos” (ou “moral do rebanho”) e “moral dos senhores”, de acordo com o que ele diz em sua obra Além do Bem e do Mal, onde ele postula: “Há a moral dos senhores e a moral dos escravos” (NIETZSCHE, 1886, p. 196), e, então, posteriormente: “As distinções morais entre os valores teve origem sob uma classe dominante que tinha consciência, com um sentimento de íntima satisfação da própria superioridade sobre a classe dominada — ou ainda entre os dominados, os escravos e os dependentes em qualquer grau.” (NIETZSCHE, 1886, p. 196) se explica de acordo com sua ideia central que é a “vontade de poder”. Nietzsche acreditava que a percepção humana da realidade, da verdade, do bem e do mal, era moldada de acordo com a conveniência do indivíduo. Então, um ser humano que está em posição de poder, por exemplo, poderia enxergar-se como alguém justo e valorizar o bem estar de sua comunidade pois é justamente graças a este determinado grupo de pessoas que dito indivíduo sustenta seu próprio poder e, sendo assim, surgem sentimentos genuínos de afeto e preocupação para com sua comunidade, visto que a prosperidade do grupo significa a prosperidade do indivíduo em questão. Então, uma pessoa em posição de poder pode ser amigável, cortês e até mesmo genuinamente altruísta enquanto alguém que é dominado, em

contrapartida, faz de todos os sentimentos advindos de seu ressentimento por sua posição inferior uma virtude e das circunstâncias em que vive algo positivo, acreditando que tamanho sofrimento é necessário para que uma pós-vida cheia de glória e felicidade advenha disto. A crença em uma punição para os fortes e uma recompensa para os injustiçados em uma pós-vida também se sustenta na crença de vontade de poder. Os fracos acreditam que seus dominadores serão punidos em um plano metafísico após a morte pois são incapazes de puni-los fisicamente nesta vida. O cristianismo em si, para Nietzsche, é uma estrutura de poder.

Apesar de criticar a religião Nietzsche, no entanto, via o cristianismo como sendo algo benéfico para o ser humano em partes, pois com o crescimento do ateísmo, ele temia que o homem ficaria sem um senso de moral e que apesar do cristianismo ser uma doutrina que essencialmente negava a vida, ele temia que as coisas ficariam ainda piores sem ela. Nenhuma moral é objetiva e absoluta de acordo com Nietzsche, argumentando que todo o tipo de comportamento ou vício pode ser uma virtude dependendo de qual função eles exercem na sociedade e que até mesmo violência gratuita já foi uma virtude na Roma Antiga.

Na época romana mais florescente um ato caritativo não se qualificava nem como bom nem mau, nem como moral ou imoral. Ainda que se o louvasse, seu elogio era concedido com uma espécie de desprezo involuntário quando se comparava esta ação com outra que servisse ao interesse da comunidade (NIETZSCHE, 1886, p. 113).

Segundo Nietzsche, somos nós que manipulamos e acreditamos nas coisas na maneira como precisamos. De fato, toda a vida que está diante de nós é predisposta por nossas necessidades e instintos humanos. Para ser mais específico, os tipos de construções, causas, classificações etc, que inventamos tem a ver com a noção de que ele chama a vontade de poder. O ponto crucial que Nietzsche defende é explorar os elementos do processo de invenção de valores. "O ponto de vista do "valor" é o ponto de vista das condições de preservação e aprimoramento de formas complexas de duração de vida relativa dentro do fluxo de transformação." (NIETZSCHE, 1901, p. 380). Esclarecida a questão de como Nietzsche entende que funcionam os valores, de onde surgem e pelo o que se sustentam, vamos prosseguir agora com uma tentativa de elucidar melhor o pensamento do autor no que diz respeito a noção de livre-arbítrio e, posteriormente, como que isso se encaixa com sua tese do eterno retorno e sua noção de *amor fati*.

3. NOÇÃO DE LIVRE-ARBÍTRIO NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE

Até então nós podemos observar que Nietzsche, sendo um autor que dissertou sobre os mais diversos temas, possui uma tese a qual se sustenta no pressuposto que todo movimento mecânico no universo é movido pelo o que ele chama de 'vontade de poder'. Essa ideia serve como pilar para entender o ser humano, assim como as críticas de Nietzsche sobre o mesmo, a 'vontade de poder' é a base a qual todo o raciocínio do autor sobre o homem de um ponto de vista biológico, social, psicológico, etc, se sustenta. Sendo assim, fica simples de se entender o porquê de Nietzsche considerar o cristianismo como um mal, visto que, conforme demonstrado, a religião nada mais é que uma negação da 'vontade de poder', algo que vai contra o princípio mais básico do universo que move não somente a vida mas o ser humano; o cristianismo deposita a esperança de uma vida perfeita em um salvador que está por vir ao invés de afirmarmos a vida através de nossas ações, de lutarmos para aceitar o que realmente queremos e conseqüentemente agir, no aqui e agora, neste mundo, para obter tais coisas. Interessante notar que no pensamento nietzscheano, a noção de livre arbítrio é dita como falsa, pois, como vimos anteriormente, o autor acreditava que a consciência era um subproduto do corpo, que por sua vez era meramente uma hierarquia de 'vontades de poder' e sua função seria apenas secundária (isto é, a de administrar tais 'vontades de poder') e, sendo assim, servia apenas como um passageiro em um veículo em movimento que não tinha poder real de decisão. Sendo assim, Nietzsche ressalta que:

Livre arbítrio é, do mesmo modo, apenas uma abstração, e significa capacidade de agir conscientemente, enquanto sob fado compreendemos o princípio que nos conduz na ação inconsciente, no qual está sempre em jogo uma direção da vontade que nós mesmos ainda não necessitamos ter diante dos olhos como objeto (NIETZSCHE, 1887, p. 68)

É fácil se confundir ao tentar entender qual é exatamente a posição de Nietzsche no que diz respeito as ideias de livre arbítrio e determinismo. Filósofos que defendem o livre arbítrio defendem que os seres humanos são dotados com uma faculdade especial que lhes permite agir de acordo com suas próprias escolhas

e propósitos, independentemente de quaisquer fatores externos. Deterministas, por outro lado, enfatizam que todos os eventos que ocorrem estão casualmente conectados no tempo-espaço, não excluindo o ser humano. Os defensores do livre-arbítrio querem atribuir uma característica especial a condição humana, a habilidade de iniciar uma ação sem nenhuma causa suficiente que determine essa ação. Enquanto o livre-arbítrio implicaria que os seres humanos são responsáveis por suas ações e, logo, podem ser punidos de acordo com elas, uma posição determinista implicaria que os seres humanos não são realmente responsáveis pelo o que são ou fazem. Sendo assim, a questão do livre-arbítrio tem tanto uma dimensão ontológica como moral.

A posição de Nietzsche nessa questão se dá pela sua crítica da moral tradicional que coloca seu compasso além da dimensão metafísica do problema do livre-arbítrio, diferenciando livre-arbítrio de liberdade. Para ele, a noção de liberdade nasce de suas ideias de destino e *amor fati*, através da aceitar e desejar seu próprio destino como ele é e sempre será. Sendo assim, que tipo de relação há entre amar o seu próprio destino e criar seus próprios valores? Em suma, como que nós poderíamos entender a reavaliação dos valores que Nietzsche propõe em relação com a sua ideia de *afirmar a vida*? Para responder a essa pergunta, precisamos investigar melhor a visão de Nietzsche sobre livre-arbítrio.

Junto à cachoeira — À vista de uma cachoeira, acreditamos ver nas inúmeras curvas, serpenteios, quebras de ondas, o arbítrio da vontade e do gosto; mas tudo é necessário, cada movimento é matematicamente calculável. Assim também com as ações humanas; deveríamos poder calcular previamente cada ação isolada, se fôssemos oniscientes, e do mesmo modo cada avanço do conhecimento, cada erro, cada maldade. É certo que mesmo aquele que age se prende à ilusão do livre-arbítrio (NIETZSCHE, 1878, p. 46)

Nossa experiência de livre-arbítrio é uma das principais evidências que alguns pensadores defensores dessa ideia recorrem para argumentar em favor desse ponto de vista. Obviamente, em nossa vida diária, muitas vezes nos sentimos livres para escolher uma ou outra coisa entre inúmeras possibilidades. Da mesma forma, também sentimos que a decisão é nossa em alguns dos momentos mais cruciais da nossa vida. Embora não tenha objeção à alegação de que experimentamos esse tipo de processo de "tomada de decisão" como descrito acima, Nietzsche se oporia à conclusão de que esses tipos de experiências mostram que somos realmente dotados de livre-arbítrio. Para Nietzsche, essa conclusão é simplesmente uma ilusão e se assemelha ao sentimento que temos quando vemos uma cachoeira.

A causa sui é a mais bela contradição já cogitada, uma espécie de violação e golpe mortal à lógica. Porém o orgulho ilimitado do homem conduziu-o a um emaranhamento cada vez maior no intrincado absurdo, o desejo do "livre arbítrio" entendido no sentido superlativo e metafísico que domina ainda (por desgraça, nos cérebros semi-cultivados) que é a necessidade de suportar a completa e absoluta responsabilidade de seus atos e não atribuí-la a Deus, ao mundo, à hereditariedade, à sorte, à sociedade, esta causa sui não é mais que a necessidade de ser alguém, e com esta audácia intrépida que supera à do barão de Münchhausen tenta tirar a si mesmo do pântano do nada puxando seus próprios cabelos e entrar na luz da existência. (NIETZSCHE, 1886, p. 30)

Na citação acima, Nietzsche ressalta o absurdo da ideia metafísica segundo o qual o "agente" é isolado de seu próprio contexto, seja ele social, físico, ambiental, histórico e assim por diante. O "agente" isolado, por sua vez, é colocado como uma "causa subjacente" da ação. As críticas de Nietzsche contra a metafísica, por sua vez, derivam de sua visão da relação entre linguagem e metafísica. Considerando as noções e expressões que Nietzsche propõe, podemos dizer que, para ele, a linguagem é o berço dos erros metafísicos e da crença no livre-arbítrio. Tendo surgido na época da forma mais primitiva de conhecimento psicológico e científico, a linguagem nos fez pensar de certas maneiras, tais como postular a vontade como a causa de nossas ações, e um "eu" unificado como substância que está no centro das mesmas. Simplificando, palavras e noções se desenvolveram de tal maneira que as pessoas esqueceram sua base empírica e começaram a postular certas "metáforas" como "reais". Assim expressa Nietzsche em *Humano, Demasiadamente Humano*: "O criador da linguagem não foi modesto a ponto de crer que dava às coisas apenas denominações, ele imaginou, isto sim, exprimir com as palavras o supremo saber sobre as coisas" (NIETZSCHE, 1878, p. 13)

Os pontos acima citados por Nietzsche constituem um grande desafio para a metafísica ocidental, que daria um debate mais amplo do que pretendo abordar neste artigo. Meu objetivo em trazer esses pontos à tona é deixar claro como o surgimento da metafísica da linguagem levaram à reificação de certas noções como o livre-arbítrio. Tendo esclarecido esse ponto, o próximo capítulo vai tratar de expor a visão de Nietzsche sobre a questão do determinismo para que, enfim, após isso, possamos abordar a questão do amor fati, do eterno retorno e entender em que sentido Nietzsche defende que devemos ser responsáveis pelas nossas vidas e o que isso quer dizer em um ponto de vista ético.

4. NOÇÃO DE DETERMINISMO NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE

É com base na desconstrução dos pressupostos da metafísica ocidental que Nietzsche é capaz de repudiar também o determinismo. Sua rejeição do determinismo baseia-se em descobrir as pressuposições que estão envolvidas na compreensão mecânica da causalidade de que o determinismo se origina. A elaboração dessa análise envolve a crítica do que ele chama de *atomismo anímico*. Assim, como veremos, a rejeição de Nietzsche de uma vontade não-livre encontra sua base no mesmo repúdio de um certo modelo ontológico que o livre-arbítrio.

Para descrever brevemente, o determinismo é o termo filosófico que generaliza várias teorias que compartilham a ideia de que para cada fato existe uma condição que necessariamente causa o fato e exclui todas as manifestações alternativas desse fato. Tal visão trouxe a ideia de que, se tudo, inclusive a alma humana, consiste de partículas materiais e estas redutíveis a átomos, então o comportamento humano é analisável e explicável através de princípios básicos que explicam os processos materiais, em particular, em termos do comportamento dos átomos.

A crítica de Nietzsche ao determinismo amplia sua crítica à ontologia para problematizar os conceitos de causa e efeito. De acordo com sua crítica, ele defende que somos nós que atribuímos as noções de causa e efeito a eventos, enquanto tudo o que podemos perceber é uma sucessão constante desses eventos. Assim, quando observamos uma determinada sequência de eventos, denotamos o primeiro evento que podemos observar como “causa” e o evento consequente deste primeiro como “efeito”. Ou seja, Nietzsche critica que nossa noção de determinismo surge de uma compreensão errônea das ideias de causa e efeito, e repudia essa noção tão quanto a noção de livre-arbítrio.

Se alguém chegasse a vislumbrar a néscia rusticidade do famoso conceito do "livre arbítrio" até chegar a afastá-lo do seu espírito, eu lhe rogaria que desse, mais um passo e afastasse de seu cérebro o contrário desse pseudo-conceito, isto é, o "determinismo", que conduz ao mesmo abuso das noções de causa e efeito. Não é preciso cometer o erro de tornar condicionados causa e efeito, como fazem os naturalistas (e todos que sequelem seu método de pensar) segundo as cretinices mecanicistas em voga, que querem que toda causa impulsione e pressione até produzir um efeito. É conveniente entretanto, não se servir da "causa" e do "efeito" senão em termos de puros conceitos, ou seja, como ficções convencionais que servem para designar, para pôr-se de acordo, porém de modo algum para explicar alguma coisa. (NIETZSCHE, 1886, p. 30)

Considerando a citação acima, podemos ver que Nietzsche aponta para o fato de que nós somos aqueles que inventaram a necessidade, causalidade, liberdade, propósito, etc, como consequência de uma carência empírica da linguagem que desenvolvemos. Como mencionado acima, Nietzsche afirma que, a crença no determinismo, assim como a crença no livre-arbítrio, está intimamente relacionada com a perspectiva do indivíduo em relação à vida. O conceito baseia-se em como se interpreta ou em qual interpretação a pessoa concebe como sendo a melhor sobre as coisas fundamentais da vida. Esclarecido isso, vamos agora prosseguir para o próximo capítulo onde faremos um aprofundamento na sua ideia do *amor fati*.

5. AMOR FATI E O ETERNO RETORNO

Até agora, discutimos a rejeição de Nietzsche do livre-arbítrio e determinismo com base em uma rejeição do paradigma ontológico tradicional, e tentamos apresentar os fundamentos da ontologia de Nietzsche: vontade de poder e perspectivismo e interpretações da vontade de poder. Para obter uma melhor compreensão da posição do pensamento de Nietzsche, precisamos elaborar em primeiro a sua ideia do *amor fati*, só assim

conseguiremos explicar em que sentido sua ideia do eterno retorno é positiva e em que sentido devemos “afirmar a vida”.

Um espírito emancipado semelhante aparece no centro do Universo, com um fatalismo feliz e confiante, com a convicção de que não há nada condenável além daquilo que existe isoladamente e que, no conjunto, tudo se resolve e se afirma. Não nega. Essa fé é a mais elevada de todas as fés possíveis. Eu a batizei com o nome de Dionísio. (NIETZSCHE, 1889, p. 93).

O deus grego Dionísio é um grande símbolo de afirmação para Nietzsche, embora seu Dionísio possa ser diferente da figura histórica de Dionísio. Na compreensão de Nietzsche do espírito dionisíaco, o significado trágico da vida e especialmente o sofrimento é enfatizado em contraste com o significado cristão dessas noções, que vê o sofrimento como um tipo de mal que deve ser evitado tanto quanto possível. No entanto, no sentido trágico, o sofrimento é afirmado como um componente principal de uma vida satisfatória e saudável. Neste ponto, Nietzsche deixa claro que, o problema do sofrimento não é o sofrimento em si, mas o significado do sofrimento: se damos um significado cristão ou um significado trágico... Pois o superhomem afirma até mesmo o mais severo sofrimento!

Se examinamos a posição em relação ao fatalismo e à afirmação na filosofia de Nietzsche, a doutrina do eterno retorno ocupa um lugar crucial. Entre as várias referências que ele faz à essa ideia, a citação mais notável parece ser a seguinte:

E se um dia, ou uma noite, um demônio e seguisse em tua suprema solidão e te dissesse: *“Essa vida, tal como a vives atualmente, tal como a viveste, vai ser necessário que a revivas mais uma vez e inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, pelo contrário! A menor dor e o menor prazer, o menor pensamento e o menor suspiro, o que há de infinitamente grande e de infinitamente pequeno em tua vida retornará e tudo retornará na mesma ordem – essa aranha também e esse lutar entre as árvores e esse instante e eu mesmo! A eterna ampulheta da vida será invertida sem cessar – e tu com ela, poeira das poeiras!”* – Não te jogarias no chão, rangendo os dentes e amaldiçoando esse demônio que assim falasse? [...] Se este pensamento te dominasse, tal como és, te transformaria talvez. [...] seria necessário amar a vida e amar a ti mesmo para não desejar mais outra coisa que essa suprema e eterna confirmação, esse eterno e supremo selo! (NIETZSCHE, 1882, p. 201)

Tanto nesta como em outras passagens, Nietzsche nos instiga a examinar a nós mesmos e a nossa vida, desta vez imaginando-nos em um ciclo eterno. E sob o peso mais pesado dessa ideia, somos desafiados a ver nossa vida à luz da seguinte pergunta: “você deseja que tudo isso aconteça de novo e de novo, um número infundável de vezes?” Assim, de acordo com esse pensamento, sempre que se deseja que uma determinada alegria se repita, precisamos afirmar também cada momento de sofrimento e de vida em sua eternidade.

Então, como tentamos deixar claro, a doutrina do eterno retorno do mesmo, assim como *amor fati*, incorpora uma forte forma de afirmação da vida. Essas duas noções também são os pilares de uma vida afirmativa, que Nietzsche tanto glorifica. Além disso, estes são juntos os elementos-chave da relação entre destino e liberdade em Nietzsche, que é o que visamos esclarecer. A ênfase de Nietzsche no amor e na afirmação do destino ocupa um lugar crucial em sua filosofia, na medida em que uma atitude saudável em relação à vida e interação no mundo é uma das principais preocupações de Nietzsche, e muito do seu trabalho é sobre a problematização de certas atitudes na cultura moderna, como o niilismo, que ele diagnostica como doentio e degenerado. Ao invés de entrar em uma discussão abrangente de todos esses fenômenos, vamos nos concentrar no sentimento de ressentimento como um conceito-chave que Nietzsche coloca em foco quando tenta entender esses fenômenos. Assim, uma atitude saudável em relação à vida tem a ver principalmente com “liberdade de” e “iluminação sobre” o ressentimento.

[...] o homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo. Sua alma olha de través; ele ama os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos, tudo escondido lhe agrada como seu mundo, sua segurança, seu bálsamo; ele entende do silêncio, do não esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria. (NIETZSCHE, 1887, p. 11)

Sendo assim, podemos entender a ideia do eterno retorno como sendo algo positivo, pois, da mesma forma que não há garantias que nós estamos vivendo esta mesma vida pela segunda, décima ou milésima vez, ninguém pode nos provar que esta não é a primeira! E, sendo assim, nós temos a responsabilidade de afirmar nossa vida agora tal como ela é, com todas as dificuldades, sofrimentos, alegrias e conquistas para que possamos vivê-la mais e mais vezes, por toda eternidade! Por isso o autor reforça que vivamos nossas vidas de maneira autêntica, enxergando e superando todo o ressentimento para que possamos nos libertar dos entraves sociais que limitam nosso potencial em nome de uma falsa esperança, de uma promessa ilusória de uma recompensa em um plano metafísico inexistente! Portanto, vivamos! Vamos viver o agora, vamos aceitar quem nós somos e vamos afirmar a vida e celebrar nossas virtudes e reconhecer e superar nossos ressentimentos, sem deixar que nos limitem!

6. CONCLUSÃO

Assim, por meio das discussões acima, deve ficar claro que, Nietzsche não apresenta o fatalismo como uma forma científica ou teológica do universo: que ele não é determinista. A melhor maneira de dar sentido a *amor fati* ao longo do trabalho de Nietzsche, então, é interpretá-lo como uma exortação ética e não como uma tese metafísica sobre quanto do mundo é necessário ou determinado. Antes, o que Nietzsche faz é afirmar e nos promover para afirmar o que é necessário e amá-lo, pois uma forte afirmação e amor ao destino é o único caminho possível através da grande arte de dar estilo ao caráter de alguém, que inclui aniquilação e criação, e que é uma característica essencial de uma pessoa livre. Eu também tentei elucidar a abordagem de Nietzsche para a questão que é conhecida como o *problema do livre-arbítrio*. Primeiramente, é feita uma suposição ontológica sobre o "ser humano" e seu papel dentro do cosmo, que por sua vez é acompanhado por uma derivação desta primeira suposição. Enquanto a primeira suposição tenta postular uma visão ontológica sobre os seres humanos, a segunda suposição tem um caráter ético que os cobra ou os isenta da responsabilidade moral. Neste artigo, tentei deixar claro como o entendimento de Nietzsche sobre esse problema se estende além dos limites da abordagem metafísica tradicional da questão, tanto filosófica quanto metodologicamente. Em vez disso, ele interpreta o aparente problema do livre-arbítrio como sendo uma noção mal formulada. Para este fim, procurei explicar como que Nietzsche rejeita tanto as noções de livre-arbítrio e de determinismo; em outras palavras, tentei demonstrar que ele não escolhe "lados". Então, em contraste com esse ponto, procurei esclarecer como que a ideia da vontade de poder se encaixa com as ideias de *amor fati* e do eterno retorno. Tendo isso em mente, busquei deixar claro como Nietzsche interpreta as diferentes visões sobre a condição humana como manifestações diversas da vontade de poder. Por fim, espero ter elucidado um pouco as ideias aqui expostas e contribuído para o entendimento de seus escritos.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich W. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, /2001.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Humano Demasiado Humano**. Tradução de Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, /2000.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Mário da Silva. São Paulo: Civilização Brasileira, /1977.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do Bem e do Mal**. Tradução de Paulo César de Souza. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, /2002.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da Moral**. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, /1999.

NIETZSCHE, Friedrich W. **O Anticristo**. Tradução de Artur Morão. Lisboa, Guimarães 1ª ed. Editores, /1997.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Crepúsculo do Ídolos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, /2000.

NIETZSCHE, Friedrich W. **O Nascimento da Tragédia**. Tradução de J. Guinsburg. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, /1992.

JUNIOR, Oswaldo Jiacóia. **Nietzsche & Para Além de Bem e Mal**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, /2002.